

O COLECCIONISMO DE ESCULTURA NA ACADEMIA DE BELAS-ARTES DE LISBOA

Ricardo J. R. Mendonça

*Escultor / Faculdade de Belas-Artes – Universidade de Lisboa / Lisboa, Portugal
r.mendonca@campus.ul.pt*

RESUMO

A extinção das ordens religiosas veio sacudir o mercado de arte, permitindo a constituição de fundos de objectos artísticos que impulsionaram a formação de museus nacionais, permitindo igualmente a fuga de obras de arte para as mãos de colecionadores particulares nacionais e estrangeiros. Esta comunicação procura traçar a evolução do coleccionismo de escultura na Academia de Belas-Artes de Lisboa, antes da criação de um Museu em 1884.

PALAVRAS-CHAVE

Escultura | Imaginária | Terracota | Património | Colecção Nacional

ABSTRACT

The suppression of religious Orders agitated the art market making possible the gathering of several art works that drove later to the formation of national museums of Art, but also pushing the escape of works of art to the hands of particular owners both national and foreigners. This paper addresses the evolution of the sculpture collection in the Fine Arts Academy of Lisbon, before the creation of a Museum in 1884.

KEYWORDS

Sculpture | Imaginary | Terracotta | Heritage | National Collection



Fig.1 - St.º André, c. 1732, Girolamo Ticciati (1676-1744); gesso; 91x45x36; Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.

A primeira colecção de escultura a ingressar na Academia de Belas-Artes de Lisboa procede das extintas Aula Pública de Desenho, Casa do Risco e Laboratório de Escultura. Conquanto os critérios coevos, e porventura os actuais, não permitam uma valoração de cerca de três centenas e meia de modelos maioritariamente procedentes do Laboratório, importa salientar que é nele que se reconhece a origem das colecções nacionais de escultura moderna e contemporânea. Este espólio continuaria a ser preservado na aula de Assis Rodrigues como registo afectivo de uma origem centenar da Aula de Escultura. Uma das obras mais antigas é um gesso do *Santo André* de Girolamo Ticciati, onde é patente uma evolução até à versão final em pedra, que seria colocada na Basílica de Maфра cerca de 1732¹ [fig.1]. Ainda no mesmo registo, importa realçar duas reproduções de um apostolado, que se refere ter sido executado por Giovanni Baptista Maini para a Igreja Patriarcal de Lisboa, e cujos originais terão desaparecido com o terramoto de 1755². Mais consensual, será certamente o valor atribuído a cerca de uma centena de terracotas e modelos procedentes do mesmo Laboratório, e que compreendiam pequenas figuras do imaginário litúrgico, presépios, etc., e que se acham hoje repartidos entre o Museu Nacional de Arte Antiga e a Faculdade de Belas-Artes de Lisboa.

De diversas maneiras, a extinção das ordens religiosas contribui para a constituição de fundos de objectos artísticos que impulsionaram a formação de museus nacionais. Contudo, contrariamente ao espólio de pintura, cujo interesse nacional foi sistematicamente evocado, a pretexto da necessidade de se estabelecer uma pinacoteca, nem uma palavra se escreveria sobre a existência de um depósito de esculturas. Todavia, isso não significa que nada tenha sido recolhido na Academia de Belas-Artes de Lisboa com esta procedência porque simultaneamente ao édito que em 1837 concedeu este espólio em depósito à Academia se regista que um número indeterminado de bustos terá efectivamente ingressado no acervo de escultura, tendo como procedência as livrarias de conventos das ordens extintas³. É possível que outras obras de imaginária e escultura devocional tivessem igualmente encontrado caminho para a instituição, mas sobre estas nenhuma informação conclusiva foi apurada.

1. *St.º André*, c. 1732 (F.B.A.U.L., Esc. 636); *São Jerónimo*, c. 1733 Filippo della Valle (F.B.A.U.L., Esc. 623).
2. No acervo da Faculdade de Belas-Artes sobrevivem ainda os seguintes exemplares F.B.A.U.L., Esc. 652 e 634. (Biblioteca Nacional de Portugal [B.N.P.] Res., MSS, Caixa 11, n.º 18: SANTOS, António Ribeiro dos – *Epistola das Belas-Artes*, 1798-1799, p. 21.
3. Arquivo Histórico da Biblioteca da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (A.H.F.B.A.U.L.) – Caixa 26: [Pasta: Cartas ao Ill.º Director Geral Loureiro]: *Entrega de bustos procedentes das bibliotecas dos extintos conventos*. Datada de 27 de Junho de 1837.

Posteriormente, em 1839, ainda se promulgaria um édito com o objectivo de prevenir «a perca de objectos de bellas artes, dignos de serem coligidos e guardados» (RIBEIRO 1876: VI, 97), concedendo-se a autorização ao Vice-Inspector da Academia para requisitar quaisquer cantarias existentes em edificios públicos na eminência de serem demolidos. Antecipando-se a este diploma, o abade de Castro e Sousa, em Abril de 1839, deposita um fragmento antigo de uma cantaria que continha um pedaço de moldura com ornatos em forma de capitel⁴. Também em 1841 terá sido transferida do Convento da Boa Hora, na Ajuda, uma “Nossa Senhora da Conceição”, antes de aquele espaço ter sido adaptado às funções de hospital militar⁵. Contudo, o escasso interesse que se reconhece a alguns objectos de pedra e esculturas que se acham hoje dispersos pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e pelo jardim do Museu Nacional de Arte Antiga é, quem sabe, a mais justa expressão dos escassos resultados produzidos por este diploma.

Depois disto, não parece que se tenham empreendido quaisquer esforços particulares para se ampliar a colecção, até porque dificilmente as obras que se viessem a adquirir poderiam providenciar um referencial sólido para o ensino, ou para o conceito de coleccionismo onde interessavam sobretudo obras

onde se reconhecesse um arquétipo para a produção artística coeva. Assim, só quando, em 1844, soou o alarme para o perigo de fuga para o estrangeiro da colecção da rainha Carlota Joaquina, se considerou a necessidade de preservar em território nacional obras de valor artístico excepcional. A obra que gerou maior inquietação foi um relevo atribuído a Gian Lorenzo Bernini⁶. Deste apelo, porém, terá resultado a aquisição de uma escultura representando *Santa Maria Madalena*, bem como um outro baixo-relevo de *Cristo Adorado pelos Anjos*.

Em 1851, foram requisitadas à Inspeccão-Geral das Obras Públicas duas estátuas de Alessandro Giusti que representavam uma *Flora* e um *Guerreiro Farnésio*, que se encontravam arrecadadas no Palácio da Ajuda (MENDONÇA 2012: 148-149). Também perto desta data se terá incorporado a estátua do *rio Tejo* cuja autoria atribuímos António Machado, e que originaria uma contenda com o então Marquês de Pombal⁷ [fig.2]. Estes exemplos ilustram como a recuperação de obras executadas no Laboratório de Escultura era a estratégia mais credível para se estabelecer uma colecção de estatuária. A continuidade de tal estratégia seria apontada, em 1864, pelo Marquês de Sousa Holstein como a única forma de estabelecer uma colecção permanente de escultura, dado que a escassez de obras de mármore não o permitiria⁸.



Fig.2 · *Rio Tejo*, António Machado (act. 1768-1810); mármore; 135x220x95; Oeiras, Palácio Marquês de Pombal.

3. Arquivo Histórico da Biblioteca da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (A.H.F.B.A.U.L.) – Caixa 26: [Pasta: Cartas ao Ill.º Director Geral Loureiro]: *Entrega de bustos procedentes das bibliotecas dos extintos conventos*. Datada de 27 de Junho de 1837.
4. Academia Nacional de Belas-Artes (A.N.B.A.), *Livro de Actas da Academia de Bellas-Artes de Lisboa: 1838-1843*, Cota 8, Conferência ordinária realizada no dia 25 de Abril de 1839.
5. Museu Nacional de Arte Antiga (M.N.A.A.): SD (ABAL) 4 / 2 / doc. 17, Extracto 1 – *Registo das ofertas, legados, depositos e incorporações, de objectos de arte*, p. 3.
6. Academia Nacional de Belas-Artes (A.N.B.A.), *Registo das propostas e officios da Academia dirigidos ao Governo: 1841-1845*. Cota 2: *Representação da Academia pedindo para que se adquiriam diversas obras procedentes da colecção da rainha Carlota Joaquina*. Datado de 18 de Janeiro de 1844.
7. Academia Nacional de Belas Artes (A.N.B.A.) – Cota 10. *Livro de Actas da Academia de Bellas-Artes de Lisboa: 1851-1856*, 30 de Março de 1853.
8. Museu Nacional de Arte Antiga (M.N.A.A.): SD (ABAL) 1 / 11 / doc. 1, Extracto 3 – “*Relatório acerca do estado d’Acade-/mia Real das Bellas-Artes*.” Datado de 26 de Fevereiro de 1864.

No entanto, porque a partir desta data o Museu do Carmo passou a ser o destino preferencial de obras de escultura com valor patrimonial, as duas instituições passariam a ser complementares.

Também a partir desta data se tornaria claro que a autorização concedida em 1863⁹ para a abertura ao público das colecções de objectos artísticos, favorecera sobretudo o desenvolvimento dos acervos de desenho, gravuras, pintura, antiguidades e arte ornamental, as únicas que, por sinal, chegaram a contar com conservadores dedicados. Verifica-se, aliás, que a secção de escultura terá apenas conhecido alguma expressão dentro do sector de arte ornamental, onde se enquadravam obras de pequenos formatos, cerâmica, imaginária, etc. Este segmento conheceu, ainda assim, um desenvolvimento sem precedentes durante a inspecção do Vice Inspector Sousa Holstein depois de 1862, não deixando de patentear que esta diversificação do espectro coleccionístico uma convergência de interesses afim aos do museu de South Kensington.

Não obstante, depois disto, o coleccionismo de escultura continuou a estar subordinado a doações e nem mesmo para as obras Machado de Castro que apareciam à venda em exposições se terá aberto uma excepção. Seria, aliás, a própria Academia, na exposição trienal de 1852, a promover a venda que um negociante privado fazia de uma imagem de Jesus Cristo em marfim atribuída ao grande mestre (ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA 1852: 17)¹⁰. No ano anterior, também havia sido exibida numa Exposição Filantrópica (SOUSA 1851: 32)¹¹, quatro terracotas representando a *Fé*, o *Conselho*, a *Gratidão* e a *Generosidade*; em 1864 seriam entregues pelo seu proprietário, desgostado por não ter conseguido arranjar um comprador nacional e revoltado com a ideia de as ver sair do país. Isto não impediu, porém, que elas se extraviassem, porque contrariamente à informação por nós avançada anteriormente (MENDONÇA 2012: 148-149), estas parecem ter desaparecido da Escola de Belas Artes de

Lisboa, restando somente o modelo da *Generosidade*, que ainda hoje porta vestígios de uma “inconsiderada” pintura branca que motivara os lamentos do então Vice-Inspector, Marquês de Sousa Holstein. Este caso não deixa de realçar um dos aspectos mais sórdidos de grandes movimentos revolucionários, uma vez que a degradação do acervo de escultura da Escola de Belas-Artes parece ter-se acentuado posteriormente ao 25 de Abril de 1974.

Na mesma Exposição Filantrópica de 1851, o abade de Castro e Sousa viria a expor um conjunto de dez meios corpos em cera que naquele momento se atribuiria ao «[...] estylo de Miguel Angelo Buonaroti” e que representavam: A culpa Original, Estado de Inocência, Graça Baptismal, A prosperidade, A doença, A morte, O juízo, O Purgatório, Inferno, Paraíso» (SOUSA 1851: 24). Passados 10 anos, a apreciação estética destas obras seria refinada, reconhecendo-se neles a mestria de Gaetano Giulio Zumbo (1656-1701), um escultor que ganharia notoriedade como anatomista¹². Na proposta apresentada em 1860, pediam-se 600 réis, mas quando em Maio de 1870 o egrégio negociante de arte volta a abordar a Academia abate-se o preço final para 300\$000 réis concedendo-se inclusivamente facilidades de pagamento em cómodas mensalidades de 15\$000 réis¹³.

Embora neste caso não se tenha conseguido aclarar a procedência deste conjunto, importa sublinhar que o mesmo fenómeno que levou à fuga de objectos de arte de Portugal terá igualmente permitido a chegada de obras, procedentes de outros países. Em 1864 seria avaliada a excepcional colecção do conselheiro Jorge Hudson da Câmara, antigo embaixador de Portugal junto da Santa Sé. A sua colecção compreendia uma excelente biblioteca que o excessivo entusiasmo fez igualar à do Conde Leopoldo Cicognara, referindo-se adicionalmente que Ingres achara a colecção de pintura digna de adquirir para o estado francês. Entre os itens que Silvani, presidente da Academia de São Lucas, achou mais valiosos, contava-se um singular alto-relevo representando a *Virgem com o Menino*

9. Arquivo Histórico da Biblioteca da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (A.H.F.B.A.U.L.), Registos de Portarias do Ministério do Reino:1853-1869, *Aprovação para se abrirem as galerias de pintura, escultura e gravura aos estudiosos, e ao publico*. Datado de 19 de Janeiro de 1863.

10. Esta obra estava à venda pelo senhor Rodrigo Verdier.

11. Este conjunto de modelos foi posto à venda por José Joaquim Lopes com um preço de 96\$000 réis.

12. Arquivo Histórico da Biblioteca da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (A.H.F.B.A.U.L.), Registos de Portarias do Ministério do Reino:1853-1869, *Oferta de aquisição para modelos de Caetano Julio Zumbo*. Datada de 19 de Maio de 1860.

13. Museu Nacional de Arte Antiga (M.N.A.A.): SD (ABAL) 1 / 5 / doc. 7, Extracto 1, *Declaração de venda de modelos de Caetano Julio Zumbo*. Datada de 6 de Maio de 1870.



Fig.3 · *Virgem com o Menino*, início do século XVI; Andrea Sansovino (ca. 1467/70-1529 (?); mármore e barro vidrado; 162 (diâmetro); Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga.

coroada por dois anjos e circundada por um festão de frutos e flores em cerâmica (CARVALHO, FRANCO 2009: 138)¹⁴ [fig.3]. Parece tratar-se de um relevo em mármore existente no Museu Nacional de Arte Antiga, até agora atribuído à passagem do florentino Andrea Sansovino por Portugal (MNAA, 677 Esc.). As dúvidas subsistem pelas aparentes disparidades na descrição que dela foi feita por Assis Rodrigues e Victor Bastos mas também pela ausência de um registo da sua aquisição. As informações constantes no referido documento fazem, porém, realçar elementos particularmente verosímeis. Refere-se que o valor que lhe era atribuído se deveu em parte à circunstância de esta ser a única que o consagrado Luca della Robbia executara para um templo afecto à congregação Olivetana na cidade de Roma. Esta nota contribui com informações mais relevantes para localizar a hipotética origem do templo, do que para estabelecer uma atribuição insofismável, já que, a Basílica

de Santa Maria in Domnica afecta à mencionada congregação, chegou a beneficiar de importantes mecenatos da família Medici ao longo do século XVI (ENGLÉN 2003: 293-299)¹⁵. Num deles, em 1514, Andrea Sansovino dirigiu uma campanha decorativa deste templo tornando possível a atribuição antes sugerida por Rafael Moreira, pese a circunstância de a procedência ser diversa (MOREIRA 1991).

A sorte ou o azar fez com que durante as invasões francesas a obra fosse removida, passando à posse do antigo director da Academia de Portugal em Roma, Giovanni Gherardo de Rossi, que permaneceu como funcionário da legação portuguesa até 1827, ano da sua morte. Providenciou-se assim possibilidade para que esta obra entrasse colecção do Comendador Hudson. Quando foi deslocado de sítio, ter-se-á danificado uma perna do menino Jesus que o mesmo De Rossi fez restaurar por António Canova.

14. Este documento foi pela primeira vez referido por Maria João Vilhena de Carvalho e Anísio Franco.

15. Destaque-se que entre 1513 e 1514 o papa Leão X (cardeal Giovanni de Medici) custodiou a Andrea Sansovino extensas campanhas decorativas que determinaram a remodelação da fachada e da decoração interior.

Ainda que vários testemunhos sugeriram que a aquisição de obras de escultura moderna tenha sido feita maioritariamente pelo Marquês de Sousa Holstein, importa salientar que não foram para todas apurados os contextos de chegada. Exemplo disto são um conjunto de esculturas cerâmicas “della Robbia”, como o *pórtico de sacário* proveniente do convento da Madredeus e os medalhões figurando as *Armas Reais* e o *perfil de Dario*, que provavelmente terão integrado a colecção da Academia na década de 70, vindo mais tarde a figurar na Exposição de Arte Ornamental de 1882 (*Exposição Retrospectiva* [...] 1882: 176, 185).

O favorecimento dado a obras de pintura em prejuízo das de escultura poderá adicionalmente deduzir-se da aquisição de manuscritos originais de artistas. Nesse sentido, verifica-se, que o *Tratado de Pintura de Arquitectura* de Cirillo Wolkmar Machado foi adquirido por compra à viúva do pintor Silva Oeirense em 1868¹⁶, ao passo que a obra *Descrição Analítica da Estátua Equestre*, de Machado de Castro, ingressou por doação da filha do escultor em 1870, tendo Assis Rodrigues intermediado esta oferta¹⁷. Se algum padrão se deveria deduzir deste tipo de ocorrências é pois que as obras procedentes dos Laboratórios de Escultura do reino continuaram a chegar por intermédio de ofertas. Também a maquete do Monumento à Rainha D. Maria I atesta esta realidade chegando à Academia por intermédio do arquitecto José da Costa Sequeira (1800-1872) em 1871¹⁸.

O interesse de que se revestem as obras até aqui enunciadas, dificilmente poderia justificar, por si só, a constituição de uma colecção de escultura; e, com efeito, julgamos que tenham sido os desenvolvimentos verificados na colecção de modelos de gesso a determinar que a tutela do acervo de escultura passasse para as mãos do conselho académico em 1870¹⁹.

Coincidentemente, foi nesse ano que o escultor Simões de Almeida, o primeiro pensionado de escultura no

estrangeiro desde João José de Aguiar, remeteu de Paris a sua prova final de pensionado. Posteriormente, também em 1871 seria remetida de Madrid uma enorme colecção de modelos de estátua que terá estado na base do Museu de Gessos que veio a existir na respectiva aula e para o qual se chegou a encomendar um projecto ao director do Institut de France Eugène Guillaume em 1875 (VASCONCELOS 1880).

No entanto, o acontecimento decisivo que terá permitido a emancipação do acervo de escultura parece estar associado a uma autorização concedida informalmente pelo Ministro Fontes Pereira de Melo para que fosse fundado um Museu Nacional. A aquisição de diversas reproduções de ornatos, estátuas e galvanoplastias terá sido o primeiro passo; mas quando finalmente, em 1876, foram conhecidas as conclusões da comissão nomeada para propor a reforma das instituições artísticas do país, verificou-se uma aquisição compulsiva de diversas obras de imaginária a negociantes locais. Nesse ano, seriam adquiridos dois baixos-relevos e duas esculturas²⁰. Em 1877 terão sido adquiridos oito anjos pequenos de madeira e três grandes. Em 1878, adquiriram-se diversas obras portuguesas nas quais entravam um pequeno baixo-relevo em pedra do século XIV representando *A morte da Virgem*, um *S. Miguel* do século XV e ainda um crucifixo em mármore com os braços terminados em flor de lis, que lhe era coevo. Já do século XVI seriam compradas uma estátua de mármore, que representava uma Virgem redentora dos cativos, uma outra de pedra, representando um anjo, e ainda um baixo-relevo de produção italiana de jaspe representando *A Assunção da Virgem* (*Exposição Retrospectiva* [...] 1882: 333).

Conquanto nestes casos não se tenha apurado a procedência destes objectos, importa salientar que a falta de escrúpulo e o sentido de negócio de alguns eclesiásticos foram motivos de indignação ainda no decorrer do século XIX. Um conjunto de obras que

16. Academia Nacional de Belas-Artes (A.N.B.A.), *Livro de Actas da Academia de Bellas-Artes de Lisboa: 1863-1868*, sessão de 19 de Agosto de 1868.

17. Academia Nacional de Belas-Artes (A.N.B.A.), 2-A-SEC.091 – Livro de Correspondência: 1870-1877: *Carta de Agradecimento a Perpétua de Castro e Sousa*. Datada de 16 de Setembro 1870.

18. Arquivo Histórico da Biblioteca da Faculdade de Belas Artes de Lisboa (A.H.F.B.A.U.L.), Livro de Correspondência: 1870-1877: *Pedido de esclarecimentos sobre a origem do Modelo do Monumento à rainha D. Maria I*. Datada de 9 de Março de 1871.

19. Esta decisão terá sido acordada no dia 17 de Novembro de 1870 (Arquivo Histórico da Biblioteca da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (A.H.F.B.A.U.L.), Livro de Correspondência: 1870-1877: *Pedido para que Victor Bastos se servisse entregar as chaves do oficina de moldagens e casa das fôrmas*. Datado de 6 de Dezembro de 1870.)

20. Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA): (M.N.A.A. 86): *Doações Depósitos e incorporações 1838-1912*. 20 de Junho de 1876, 14 de Agosto de 1877, 25 de Junho de 1878, 26 de Junho de 1878; 7

havam de acorrer a este certame foi, um conjunto composto por seis painéis que haviam sido vendidos pela abadessa Anchieta ao senhor Cazimiro Candido da Cunha passando posteriormente para as mãos do negociante de arte José Maria da Silva. O elenco integrou uma *Anunciação de Nossa Senhora*, a *Visitação de Santa Isabel*, a *Adoração dos Pastores*, a *Adoração dos Reis*, *A Apresentação de Jesus no Templo*, e a *Fuga para o Egipto* (FIGUEIREDO 1889: 162-164) [fig.4]. Esta devassa do património nacional seria descrita por Borges de Figueiredo, que em 1887 assinalou no convento de S. Dinis em Odivelas, a capela que outrora acolhera estas obras.

A avaliação feita no momento da exposição salienta o seu fino talhe em mármore branco, propondo como datação finais do XV. Não obstante, a inscrição feita no entablamento da frontaria da Capela de São João Evangelista, de onde procedem os referidos relevos, dá conta de esta se ter construído em 1600, por mecenato de D. Luísa de Alcáçova (ARNAUT 2005: 428)²¹.

Neste caso, como noutros, porém, o valor desta obra reside no desaparecimento dos originais. Também por aqui se veria a importância que as exposições de modelos de gesso teriam para a posteridade na impossibilidade de se recuperarem os originais.



Fig.4 - *Fuga para o Egipto*, Século XVI (o original); Gesso; 50x100x5cm; Lisboa, Faculdade de Belas Artes.

21. Este entablamento existe hoje no Museu do Chiado.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

- Academia Nacional de Belas-Artes (A.N.B.A.), *Livro de Actas da Academia de Bellas-Artes de Lisboa: 1838-1843*, Cota 8, Conferência ordinária realizada no dia 25 de Abril de 1839.
- A.N.B.A. – Registo das propostas e officios da Academia dirigidos ao Governo: 1841-1845. Cota 2: *Representação da Academia pedindo para que se adquiriam diversas obras procedentes da colecção da rainha Carlota Joaquina*. Datado de 18 de Janeiro de 1844.
- A.N.B.A. – *Livro de Actas da Academia de Bellas-Artes de Lisboa: 1851-1856*, 30 de Março de 1853.
- A.N.B.A. – *Livro de Actas da Academia de Bellas-Artes de Lisboa: 1863-1868*, sessão de 19 de Agosto de 1868.
- A.N.B.A. – Livro de Correspondência: 1870-1877: *Carta de Agradecimento a Perpétua de Castro e Sousa*. Datada de 16 de Setembro 1870.
- Arquivo Histórico da Biblioteca da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (A.H.F.B.A.U.L.) – Caixa 26: [Pasta: Cartas ao Ill.º Director Geral Loureiro]: *Entrega de bustos procedentes das bibliotecas dos extintos conventos*. Datada de 27 de Junho de 1837.
- A.H.F.B.A.U.L. – Registos de Portarias do Ministério do Reino: 1853-1869, *Oferta de aquisição para modelos de Caetano Julio Zumbo*. Datada de 19 de Maio de 1860.
- A.H.F.B.A.U.L. – Registos de Portarias do Ministério do Reino: 1853-1869, *Aprovação para se abrirem as galerias de pintura, escultura e gravura aos estudiosos, e ao publico*. Datado de 19 de Janeiro de 1863.
- A.H.F.B.A.U.L. – Livro de Correspondência: 1870-1877: *Pedido para que Victor Bastos se servisse entregar as chaves do oficina de moldagens e casa das fôrmas*. Datado de 6 de Dezembro de 1870.
- A.H.F.B.A.U.L. – Livro de Correspondência: 1870-1877: *Pedido de esclarecimentos sobre a origem do Modelo do Monumento à rainha D. Maria I*. Datada de 9 de Março de 1871.
- Biblioteca Nacional de Portugal (B.N.P.) Res., MSS, Caixa 11, n.º 18: SANTOS, António Ribeiro dos – *Epistola das Belas-Artes*, 1798-1799.
- Museu Nacional de Arte Antiga (M.N.A.A.): SD (ABAL) 4 / 2 / doc. 17, Extracto 1 – *Registo das ofertas, legados, depositos e incorporações, de objectos de arte*, p. 3.
- M.N.A.A.: SD (ABAL) 1 / 11 / doc. 1, Extracto 3 – *“Relatório acerca do estado d’Acade-/mia Real das Bellas-Artes.”* Datado de 26 de Fevereiro de 1864.
- M.N.A.A.: SD (ABAL) 1 / 5 / doc. 7, Extracto 1, *Declaração de venda de modelos de Caetano Julio Zumbo*. Datada de 6 de Maio de 1870.
- M.N.A.A.: (M.N.A.A. 86): *Doações Depósitos e incorporações 1838-1912*. 20 de Junho de 1876, 14 de Agosto de 1877, 25 de Junho de 1878, 26 de Junho de 1878; 7
- M.N.A.A.: (M.N.A.A.): SD (ABAL) 7 / 3 / doc. 4, Apontamentos de obras escultura que talvez existam no museu. Janeiro de 1912.

BIBLIOGRAFIA

- Academia das Bellas Artes de Lisboa – *Exposição do Anno de 1852*. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1852.
- ARNAUD, J. Morais *et al.* – *Construindo a Memória: As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação de Arqueólogos Portugueses, 2005.
- CARVALHO, Maria João Vilhena de, FRANCO, Anísio – «Os Della Robbia da Rainha D. Leonor: Imagens Florentinas do mosteiro da Madre Deus de Lisboa». *Casa Perfeitíssima: 500 anos da fundação do Mosteiro da Madre de Deus*. [Lisboa]: Museu Nacional do Azulejo, 2009, p. 129-140.
- ENGLÉN, Alia – *Caelius: Santa Maria in Domnica, San Tommaso in Formis e il Clivus Scauri*. L’Erma di Bretschneider, 2003.
- Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola – *Catálogo ilustrado*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1882.
- FIGUEIREDO, Borges de – *O Mosteiro de Odivelas*, Lisboa: Livraria Ferreira, 1889.
- MENDONÇA, R.J.R. – “A persistência da memória no Laboratório de Escultura da Academia de Bellas-Artes de Lisboa”. RODRIGUES, Ana Duarte; FRANCO, Anísio (Coord.) – *O Virtuoso Criador: Joaquim Machado de Castro (1731-1822)*. [Catálogo da exposição] Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012, p. 148-149.
- MOREIRA, Rafael – *A arquitectura do renascimento no sul de Portugal. A encomenda Régia entre o moderno e o romano*. Tese de Doutoramento em História da Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova, 1999 [policopiada].
- RIBEIRO, José Silvestre – *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*. Tomo VI. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1876.
- SOUSA, António Damazo de Castro e – *Catalogo dos objectos particulares collocados na Exposição Philantropica*. 1851. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.
- VASCONCELOS, Joaquim – “Reforma do ensino de bellas-artes de Lisboa. A História da Academia de Lisboa. VI: A oficina de reprodução”. *Actualidade*, 9 (13 de Jan. de 1880).